

A AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: A PRÁTICA DO REGISTRO

Maria Beatriz Fernandes ¹
Francicleide Cesário de Oliveira ²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o registro enquanto instrumento de avaliação na alfabetização de crianças considerando sua relevância no acompanhamento do processo de aprendizagem e planejamento das ações de intervenção do PIBID. A metodologia para a construção do trabalho, está embasada na abordagem de pesquisa qualitativa, de campo e com levantamento bibliográfico para fundamentar a análise dos dados. O corpus dessa pesquisa compreende os registros da aprendizagem dos alunos realizados pela professora ao final de cada semestre letivo. Sabendo das especificidades de cada aluno e que nem todos possuem o mesmo ritmo de aprendizagem, avaliar se faz necessário para observar qual aluno está precisando de um olhar mais cuidadoso, o que está interferindo em seu processo de aprendizagem e em que podemos intervir. Destaca-se a relevância do registro no processo de alfabetização, a julgar pelos alunos que ainda não desenvolveram determinadas habilidades do Sistema de Escrita Alfabética, principalmente com destaque para aqueles alunos que tem maior número de faltas. Assim, o registro enquanto ferramenta de avaliativo é um forte instrumento de análise da turma, por permitir obter uma radiografia, isto é, um diagnóstico completo sobre cada educando.

Palavras-chave: Avaliação, Registro, Alfabetização.

INTRODUÇÃO

Este estudo é proveito do subprojeto “*Práticas pedagógicas em alfabetização, letramento e numeramento matemático*”, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no curso de Pedagogia, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Este programa, favorece ao acadêmico expandir sua compreensão quanto a docência, garantindo um contato direto com a sala de aula, promovendo estudos e reflexões que visem aprimorar e ampliar, no caso do então subprojeto, a compreensão quanto a alfabetização, o letramento e o numeramento matemático.

Com o processo de democratização da educação, a escola passa a ser um ambiente caracteristicamente heterogêneo. Apesar do avanço nos índices de alfabetização em território Brasileiro, o *déficit* em nosso sistema educacional ainda é enorme. Bom seria que nosso índice de alfabetização chegasse aos 100% e que nossas crianças o quanto antes entendessem

¹ Acadêmica em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Bolsista Pibid/Capes, beatrizfernandes98@hotmail.com;

² Professora Mestra do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras/UERN francicleidecesario@uern.br

e se apropriassem do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Porém, muitos são os empecilhos que contribuem para o que Soares (2011) chama de fracasso em alfabetização.

Entendendo a alfabetização como um processo de natureza complexa, colocamos em foco o registro para o acompanhamento da aprendizagem do aluno e da turma num geral. Haja vista que por meio do registro, a professora busca ter um olhar ainda mais cuidadoso para cada o aluno, observando mais atentamente os seus avanços e possibilidades, como também suas limitações, medos e anseios.

Dessarte, objetivamos refletir sobre o registro enquanto instrumento de avaliação na alfabetização de crianças considerando sua relevância no acompanhamento do processo de aprendizagem e planejamento das ações de intervenção do PIBID.

A discussão do trabalho está organizada nas seguintes seções: “*Alfabetização, Letramento e Numeramento Matemático*” “*A prática do registro no processo de alfabetização*” e “*Implicações dos registros no processo de alfabetização, letramento e numeramento matemático*”. Por fim, algumas considerações finais e referências.

METODOLOGIA

Com uma abordagem qualitativa, o *corpus* dessa pesquisa corresponde aos registros realizados por uma professora ao final do segundo semestre no ano de 2018, em uma turma de 32 alunos, 1º ano, turma essa, em que é desenvolvido o programa do PIBID. Será utilizado também como respaldo, as observações realizadas no período de estudo do PIBID.

ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E NUMERAMENTO MATEMÁTICO

O primeiro passo almejado pelas crianças que ingressam no ensino fundamental, é a alfabetização. E esse processo de alfabetização é resultado de um conjunto de habilidades, como bem ressalta Soares (2011). Ou seja, não é apenas decifrar um código, vai muito além da mera codificação e decodificação, e além disso, exige-se um esforço interno de compreensão que demanda tempo para ser desenvolvido.

Soares (2011, p. 16, *grifo nosso*), enfatiza que a alfabetização “[...] é um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é *também* um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito”. Além de codificar/decodificar, a alfabetização também é entender, é sentir, é se expressar e relacionar. Ou seja, não basta saber decifrar os grafemas ou transformar fonemas em escrita/grafemas, é

preciso saber isso e sabe também entender o que leu e saber se expressar por escrito sobre o que leu. Por isso, a autora coloca que a alfabetização é um processo complexo e ainda, multifacetado, pois envolve fatores políticos, sociais, econômicos, psicológicos e linguísticos.

O processo da alfabetização inicia-se antes mesmo de a criança chegar a uma instituição de ensino, pois ela convive em um ambiente familiar e social que oferece frequentemente informações e que em todos os contextos que convive está rodeada de materiais escritos, portanto, de práticas sociais de uso da língua escrita,. Assim como coloca Ferreiro (2001), antes de entender como utilizar o SEA, o aluno já o conhece. No entanto, a escola é a responsável pela sistematização desse conhecimento, tornando as informações dispostas no convívio social em aprendizado para as crianças.

Desse modo, a alfabetização é a vivência enquanto sujeito dessa língua escrita, pois a criança é um ser cognoscente, isto é, que integra a língua e está aberta a aprendê-la. No entanto, para que a criança possa ser alfabetizada, é necessário que o processo de ensino tenha significado para ela, do contrário, será apenas um amontoado de informações que não resultará na sua aprendizagem. Pensando nisso, no ensino significativo para a criança, compreendemos, assim como Morais (2012), que não podemos dissociar o processo de alfabetização do letramento. Conforme Fontes e Benevides (2013, p.8) o letramento é o processo de “[...] inserir e familiarizar a criança com as diversas práticas e usos sociais da leitura e da escrita que se concretizam através da apropriação e uso dessas dentro da sociedade [...]”. Sendo por meio do letramento, que tornamos a alfabetização um processo significativo para as crianças.

Durante muitos anos a alfabetização limitava-se concepção de decorar a correspondência entre fonemas e grafemas. A criança era concebida como um mero ser receptor, incapaz de opinar e participar ativamente do próprio processo de construção do conhecimento. Com a chegada da teoria do construtivismo, no Brasil, na década de 1980, com os estudos de Emília Ferreiro, o conceito de alfabetização e as práticas pedagógicas passam por transformações, a criança passa a ser vista, como um ser cognoscente, que está aberta a aprender, que é capaz de opinar, a ter a oportunidade de participar do seu próprio de aprendizagem, tendo em vista que esta teoria orienta que os processos de mediação pedagógica valorizem a participação do sujeito aprendente e considere a criança como sujeito histórico. Para o processo de alfabetização não é mais imposto que sejam decorados a correspondência entre grafemas e fonemas, mas busca-se desenvolver um ambiente em que a criança possa compreender o SEA, que ela não apenas repita algo, mas que compreenda o processo.

Sendo o convívio familiar e social um dos condicionantes na alfabetização, vemos que em sua grande maioria, muitas crianças que não obtém sucesso nesse processo, são justamente as mais afetadas pelas condições sociais e econômicas desfavoráveis. É claro, que isso não é regra de fato, mas crianças que têm menos contato com livros, ou materiais de leitura e que não recebem incentivo familiar, tendem a ter maiores dificuldades no desenvolvimento durante a alfabetização. Isso ocorre justamente porque as crianças acabam sendo privadas de algumas práticas de letramento.

E quando nos referimos a alfabetização e ao letramento, também estamos nos referindo ao numeramento matemático. Apesar de não tão novo, o tema sobre o numeramento matemático é pouco debatido em cenário nacional se compararmos com os debates sobre o processo de aquisição da língua escrita, mas na verdade, o numeramento nada mais é do que um dos tipos de letramento. Pois assim como o ensino de português, o ensino de matemática também deve ser significativo.

Dessa forma, o numeramento matemático conforme o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) descreve, seria “[...] a capacidade de formular, empregar e interpretar a matemática em uma série de contextos, o que inclui raciocinar matematicamente e utilizar conceitos, procedimentos, fatos e ferramentas matemáticos para descrever explicar e prever fenômenos” (BRASIL, 2016, p.138). O ensino da leitura e da escrita seja da língua materna, ou de matemática, sempre foi um desafio e a escola enquanto responsável desse papel, deve fazer com que esses conhecimentos possam ser utilizados socialmente.

Araújo e Moraes (2019), destacam que ensinar matemática é tão importante quanto ensinar português. Assim como vivemos em uma sociedade grafocêntrica envolta de escrita, também vivemos em uma sociedade quantificadora, que em seu meio de organização e relação, é marcado pela medição, quantificação, ordenação. Portanto, faz-se necessário pensar o ensino considerando a necessidade dos educandos, já a escola deve formar para a sociedade e um ensino só é significativo quando pensado na ótica do letramento.

PROCESSO DE AVALIAÇÃO: A PRÁTICA DO REGISTRO

No tópico anterior, buscamos realizar algumas ~~colocações~~ discussões quanto ao processo de alfabetização, tanto no que se refere a aquisição da língua materna, quanto a aquisição da matemática. Agora, trataremos das implicações da avaliação no processo de ensino por meio do registro da aprendizagem.

Os passos para o progresso no campo da educação tendem a ser mais lentos, assim como uma semente plantada tem seu tempo para fecundar, crescer, florescer e dar frutos, na escola não é diferente. Cada aluno que entra pela porta da sala de aula, traz consigo suas experiências, vivências e particularidades. Um talvez aprenda um pouco mais rápido, outros, um pouco mais lento e isso é profundamente normal, pois cada qual é único. Como a semente, as crianças também passam algumas fases que são previstas, mas sempre tem aquela que precisa ser regada um pouco mais, que precisa de mais adubo, de receber mais luminosidade. Mas como? Como sabermos quem são essas crianças? Melhor, como sabermos o que fazer, o tipo de ‘adubo’ utilizar para que essas crianças floresçam?

Sentimos informar, mas na educação não existe fórmulas, pois cada situação é específica a cada realidade. Se quisermos melhorar os resultados em nossa sala de aula, devemos criar o hábito de avaliar em uma perspectiva formativa e diagnóstica, avaliar nossos alunos e nossas práticas e um dos instrumentos de avaliação muito utilizado no processo de alfabetização, é o registro. Lima (2018), realça que por meio do registro foi possível redirecionar as práticas, visualizando as dificuldades e os avanços dos alunos, isto é, ela obteve um raio-x de sua sala.

A avaliação é um processo complexo e exige uma reflexão do antes, do durante e do que fazer depois. Se nos adaptamos a registrar os eventos ao final de cada aula, percebemos que criamos um mapa do percurso ao qual caminhamos. Conforme Fonseca (2015), avaliar tendo por vista a heterogeneidade da sala e almejando o desenvolvimento global de cada criança, é complexo, pois por mais que pareça simples, é preciso que o professor tenha “[...] uma prática cotidiana de autoavaliação e o conhecimento teórico e prático sobre os diversos tipos e procedimentos de avaliação [...]” (FONSECA, 2015, p. 25). Assim, o registro enquanto um instrumento de avaliação no percurso da alfabetização, é ao mesmo tempo uma possibilidade de análise não só dos avanços de cada criança, mas também dos efeitos da prática desenvolvida.

Zabalza (2004), sublinha que os registros das aulas são uma reflexão sobre a própria prática docente, sobre o desenvolvimento do aluno. Nesse sentido, o professor alfabetizador, ao fazer os registros de aprendizagem dos alunos, está, ao mesmo tempo avaliando e refletindo sobre suas próprias práticas pedagógicas como também analisando e refletindo sobre as dificuldades e êxitos de seus alunos. E desse modo, não deixa de estar fazendo um diagnóstico contínuo da turma, com o objetivo de buscar investir em um planejamento que atenda as necessidades específicas dos alunos de modo que todos sejam contemplados com o ensino e conseqüentemente com a aprendizagem e desenvolvimento das habilidades

necessárias. Essa prática cotidiana do registro contribui também para a melhoria constante do seu fazer pedagógico.

A avaliação, a reflexão e a aprendizagem, têm adquirido grande enfoque nos últimos anos, e isso “[...] nos remete a necessidade de buscar instrumento de coleta e análise de informação referente às próprias práticas que nos permita revisá-las e reajustá-las, se for preciso” (ZABALZA, 2004, p. 27). Assim, conforme o pensamento do autor, esta importância está associada a necessidade de competência e desenvolvimento profissional exigidas cada vez mais pela sociedade. O registro da aprendizagem dos alunos, sendo utilizado como um instrumento no processo de avaliação, permite ao professor a reflexão sobre sua prática, na busca de melhorar o processo de ensino aprendizagem.

Assim, compreendemos que o registro realizados pelos professores alfabetizadores, que contemplam o processo de aprendizagem dos alunos, atua como um instrumento de avaliação, tanto da postura profissional do professor, quanto do nível de desenvolvimento da turma. O docente que utiliza desse recurso, consegue realizar uma radiografia de sua aula, de sua sala, sabendo em que pontos deve, ou não, interferir.

IMPLICAÇÕES DO REGISTRO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA TURMA ATENDIDA PELO PIBID

Tendo em vista que o PIBID é um programa de iniciação à docência, tão logo iniciamos as reuniões de formação, já articulamos nosso contato com a sala de aula. Desde então, buscamos observar a prática desenvolvida pela professora e suas metodologias utilizadas em sala de aula, como suporte para um melhor proveito das atividades que viriam a ser desenvolvidas no então programa. E como ponto principal, voltamos um olhar cuidadoso para com as crianças, principalmente as que possuem maiores dificuldades, buscando analisar o nível de aprendizagem em que se encontram, seus medos, limitações, avanços e chaves de abertura que facilitasse o desenvolvimento dessas crianças.

Neste tópico, faremos uma análise nos registros realizados pela professora Supervisora do PIBID do subprojeto “*Práticas pedagógicas em alfabetização, letramento e numeramento matemático*” vinculado ao Curso de Pedagogia, do CAMEAM/UERN. Assim, voltamos nosso olhar para os níveis de aprendizagem que a turma apresenta, observando quais habilidades os alunos já desenvolveram, bem como as principais dificuldades encontradas e em como esses registros foram úteis para o planejamento das ações de intervenção na sala de aula, realizadas pelos bolsistas PIBID.

Iniciamos destacando que o arquivo de registros da professora, apesar de não se estender tanto a cada aluno (devido ao atendimento das exigências burocráticas quanto ao limite de caracteres permitido em cada relatório do discente), mas consegue explicar características específicas de cada um, assim como, o nível de aprendizagem que apresenta. Podemos perceber uma classificação em 5 grupos, conforme os registros da professora: os que já realizam leitura autônoma, os que leem com ajuda, os que possuem noção silábica mas não consegue juntar as sílabas e formar as palavras, os que reconhecem apenas as letras do alfabeto, mesmo que não sejam todas e o que não reconhecem nem ao menos as letras do alfabeto, conforme é possível observar na tabela abaixo:

Tabela 1 – Níveis de aprendizagem da turma

CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE DE ALUNOS
Realiza leituras autônomas	12
Ler com ajuda	7
Possui noção silábica	5
Reconhece apenas letras do alfabeto	5
Não reconhece as letras do alfabeto	3
TOTAL	32

Fonte: Produzido pelas autoras com base nos dados colhidos da professora supervisora do PIBID (2019)

Os registros do processo de aprendizagem dos alunos, feitos pela professora permitem perceber que menos da metade da turma encerrou o ano de 2018³ realizando leituras autônomas, um total de 12 (doze) e que ainda 3 (três), ainda não reconhece as letras do alfabeto. Registrar continuamente o processo de aprendizagem dos alunos, observando seus avanços e dificuldades, nos leva a compreender que a avaliação não é “[...] a etapa final de um percurso, e sim [...] mais um componente do processo de aprendizagem [...]” (FONSECA, 2015, p. 40), dessa forma, reconhecer esses alunos que possuem maiores dificuldades e saber as dificuldades específicas, como é o caso de não reconhecer as letras do alfabeto, não foi o fim do percurso, mas apenas o início, para um direcionamento do planejamento das ações realizadas em sala de aula, principalmente durante a intervenção realizadas pelos alunos bolsistas do PIBID.

Diante dos registros analisados vale notar que esses três alunos que não conhecem as letras do alfabeto, são também aqueles que podemos chamar de faltosos, e conseqüentemente, a professora tem menos oportunidades de intervir diretamente em suas dificuldades. Sobre esses três alunos, a professora reforça as faltas as aulas, como podemos perceber nos recortes dos relatórios desses alunos: sobre um ela coloca: “[...] praticamente não compareceu as

³ Vale ressaltar que no ano de 2018, a turma estava no 1º ano.

aulas durante o segundo semestre[...]”, sobre outro: “[...] suas faltas acentuaram-se ainda mais, o aluno praticamente não participou das aulas” e o último “Apesar de ter passado a frequentar mais às aulas [...]”. Nos três casos os alunos possuem pouca presença na escola, quando a professora realiza essa avaliação, não pode levar em consideração apenas sua prática pedagógica desenvolvida, ou apenas o aluno como responsável por esse fracasso, mas é preciso olhar para um conjunto de fatores que pode estar envolvido estes alunos.

Essa avaliação, exposta através dos registros do processo da aprendizagem dos alunos, nos mostra também um outro fator, que é o da presença do aluno em sala de aula. O aluno fora da sala de aula não receberá estímulos formais diretos para a promoção de sua alfabetização, logo, não se pode exigir do docente, ou do discente resultados proveitosos. E isso não é uma desculpa, ou justificativa para o fracasso, na verdade, é uma consequência, isto é, se o aluno não frequenta ou pouco frequenta a escola para sistematização dos conhecimentos, como se esperar que esse conhecimento que ele encontra nos contextos sociais de sua vivência seja sistematizado?

Dos três discentes que foram o foco no planejamento da intervenção PIBID, o mais interessante, é que durante a observação PIBID quando ia algum desses alunos, questionávamos o porquê de nem sequer conhecerem o alfabeto e ao analisarmos os registros da professora, compreendemos que não são apenas fatores internos a escola ou a sala de aula, mas também externos que interferem no progresso dos estudantes.

O grupo dos que reconhece apenas as letras do alfabeto, porém não consegue associar correspondência sonora silábica contabilizam 5 (cinco), justamente esses, a professora registra que são pouco participativos. É claro que a não participação não é o único motivo para que esses alunos ainda não estejam alfabetizados, mas como o registro que analisamos são os registros do final do ano letivo de 2018 que a professora envia ao sistema e que por exigência burocrática possui limites de caracteres, logo, é muito pouco para determinar as consequências, como bem ressalta Fonseca (2015, p. 46), “A pouca informação que eles fornecem não basta para entender o que o aluno de fato sabe e o que ainda precisa aprender”. É claro que dão um direcionamento, porém, não são suficientes, é preciso um olhar atento para cada aluno para conhecer melhor cada uma das suas habilidades desenvolvidas e as que ainda não foram desenvolvidas.

Na análise da turma, temos ainda 5 (cinco) alunos que possuem noção silábica, isto é, ao juntar uma consoante com uma vogal e associa o som, no entanto não consegue juntar o som de uma sílaba com o de outra sílaba e formar uma palavra. Além desses, têm 7 (sete) alunos que leem, porém com ajuda professora, ou seja, não realiza leitura autônoma.

De modo geral, podemos ressaltar que esses registros do processo de aprendizagem dos alunos, por mais que sucintos, é o primeiro passo para a construção de uma avaliação diagnóstica e mediadora que busca melhorias e o aperfeiçoamento da prática pedagógica. Para os alunos bolsistas do PIBID, além das observações realizadas em sala, o registro foi um forte aparato para o desenvolvimento das ações interventivas, haja vista que favoreceu conhecer dificuldades que apenas um olhar de quem está de fora do processo não conseguiria enxergar.

Delimitar os grupos entre os que já realizam leituras autônomas até os que não conhecem o alfabeto, fez-se importante não por classificação da turma, por taxaço, mas por conhecimento, de quem precisava de um pouco mais de atenção e de atendimentos individuais no processo de mediação pedagógica visando fazer com que esses alunos pudessem avançar. Como a comparação feita com a semente no tópico anterior, em que algumas plantas merecem um pouco mais de adubo, de maior exposição aos raios solares, pois por mais que o solo seja o mesmo, algumas sementes encontrarão mais resistência de germinarem e fecundarem. Cada ser também é único e nem todos possuem o mesmo ritmo de aprendizagem, avaliar se faz necessário para constatar qual aluno está precisando de um olhar mais cuidadoso, o que está interferindo e em que podemos intervir.

Como Fonseca (2015), bem realça, a avaliação precisa deixar de ser apenas um requisito obrigatório e passar a ser o ponto de partida para a intervenção no desenvolvimento do trabalho do professor. Somente assim, conseguiremos analisar nossas salas de aula e buscar metodologias que favoreçam para o progresso de cada aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O registro enquanto ferramenta utilizada no processo avaliativo é um importante instrumento de aperfeiçoamento da prática pedagógica e de análise das dificuldades e êxitos de cada aluno. Com base no registro das aprendizagens dos alunos, torna-se possível avaliar o aluno em sua complexidade, por registrar cada passo, cada conquista e até mesmo identificar fatores externos que influenciam no desenvolvimento da aprendizagem do educando.

Neste estudo, foi possível perceber a relevância do registro no processo de alfabetização, a julgar pelos alunos que ainda não desenvolveram determinadas habilidades do Sistema de Escrita Alfabética, principalmente com destaque para aqueles alunos que tem maior número de faltas. Se não fosse pelos registros, não seria possível enquanto bolsistas PIBID, reconhecer os fatores que influenciam para o retardo na alfabetização. E isso, na verdade, não é apenas um pretexto para que o aluno ainda não esteja alfabetizado, mas sim

uma consequência, o aluno que falta muito as aulas terá menos oportunidades de participar dos processos de mediação pedagógica, logo, passará por maiores dificuldades para sistematizar os conhecimentos.

Destacamos a relevância desse estudo no campo da educação e na construção de uma avaliação diagnóstica e mediadora. O registro enquanto ferramenta do processo avaliativo é um forte instrumento de análise da turma, por permitir obter uma radiografia, isto é, um diagnóstico completo sobre cada educando, favorecendo assim, intervir e mediar pedagogicamente nos pontos frágeis para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Francisca Socorro; MORAES, Rosalina Rocha Araújo. Letramento matemático ou numeramento nos anos iniciais do ensino fundamental. In: DIEB, Messias; ALMEIDA, Larissa Naiara Souza de; MATIAS, Avanúzia Ferreira. **Leitura e escrita: diferentes perspectivas para o ensino e a aprendizagem.** Curitiba: CRV, 2019.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção Questões da Nossa Época; v. 14).

FONSECA, Emylle Barros de Almeida. **O papel da avaliação no processo de aprendizagem dos alunos em fase alfabetização.** 2015. 95 p. (Monografia. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Pau dos Ferros/RN, 2015).

FONTES, Francicleide Cesário de Oliveira; BENEVIDES, Araceli Sobreira. **Alfabetização de Crianças: dos métodos à alfabetização em uma perspectiva de letramento.** 2013.

LIMA, Rosana de Fátima. **registrar pra quê? pra quem?.** In: IV Encontro de Educação Matemática nos Anos Iniciais e III Colóquio de Práticas Letradas. São Carlos, SP, 2018

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 6ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de Aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional.** Porto Alegre: Artmed, 2004.